



Participios passados rizotônicos românicos: um estudo contrastivo entre italiano, espanhol e português

Rhizotonic past participles in Romance languages: a contrastive study of Italian, Spanish and Portuguese

César Nardelli Cambraia

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
nardelli@ufmg.br

Guilherme Henrique Ribeiro Costa

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
silvestrini.2011@gmail.com

Resumo: Este estudo teve como objetivo geral analisar os participios passados rizotônicos no italiano, no espanhol e no português, a fim de identificar as suas diferenças. Adotou-se como fundamentação teórica a concepção de analogia apresentada por Bynon (1993) e como metodologia a análise de um *corpus* formado por 247 itens obtidos mediante comparação entre as línguas românicas em questão. Testaram-se duas hipóteses: a primeira era a de que os participios passados rizotônicos no italiano estariam predominantemente na 2ª conjugação, diferentemente do espanhol e do português, o que foi confirmado pelos dados; e a segunda era a de que os participios passados rizotônicos românicos da 1ª conjugação seriam predominantemente inovações românicas, o que também foi confirmado pelos dados. Verificou-se, ainda, que as principais fontes dos participios passados rizotônicos nas línguas românicas estudadas são: herança de participios rizotônicos latinos; incorporação de adjetivos latinos; mudanças analógicas e criações analógicas.

Palavras-chave: linguística românica; morfologia; verbo; participio passado; língua portuguesa; língua espanhola; língua italiana.

Abstract: This study aims to analyze rhizotonic past participles in Italian, Spanish, and Portuguese, with the purpose of identifying the differences between them. It draws upon the concept of analogy introduced by Bynon (1993), and the methodology includes an

analysis of a *corpus* comprised of 247 items obtained through the comparison of the aforementioned Romance languages. Two hypotheses were tested: first, that the rhizotonic past participles in Italian would be found predominantly in the second conjugation, diverging from Spanish and Portuguese, what was confirmed by the collected data; and second, that the rhizotonic past participles in Romance languages in the first conjugation would be predominantly innovations, what was also confirmed by the data. It was found that the main sources of the rhizotonic past participles in the Romance languages considered in this study are: the heritage from the Latin rhizotonic past participles; the incorporation of Latin adjectives; analogical change and analogical creations.

Keywords: Romance linguistics; morphology; verb; past participle; Portuguese; Spanish; Italian.

1 Introdução

Um aspecto interessante no âmbito do domínio românico é o processo de diferenciação das línguas românicas a partir do latim. Sempre se coloca como um desafio identificar as causas dessa diferenciação nos mais variados níveis linguísticos, uma vez que a atuação de fatores intralinguísticos e extralinguísticos nesse processo certamente não se deu da mesma maneira em cada nível.

No presente estudo, apresenta-se uma análise de dados referentes à morfologia verbal românica, mais especificamente, referentes aos participios passados rizotônicos do italiano, do espanhol e do português. Esta análise tem como objetivos gerais (a) identificar em que aspecto essas três línguas se diferenciam quanto aos participios passados rizotônicos e (b) discutir quais foram os processos que terão determinado as diferenças identificadas.

2 O participio passado latino: uma breve revisão

Segundo afirma Faria (1958, p. 157), o sistema verbal latino regular era composto de quatro paradigmas de conjugação: 1ª conjugação (com vogal temática *ā*), como em *laudāre* (*laudo*); 2ª conjugação (com vogal temática *ē*), como em *monēre* (*monēo*); 3ª conjugação (com vogal temática *ī* ou *ū* ou com consoante), como, respectivamente, em *facēre* (*facio*), *minuēre* (*minuo*) e *dicēre* (*dico*); e 4ª conjugação (com vogal temática *ī*), como em *audīre* (*audio*).

No que se refere à história dos participios passados latinos, Ernout (1953, p. 219-228) afirma que a função de participio passado no latim era desempenhada por um antigo adjetivo verbal em *-to-. Esse adjetivo indicava que o sujeito possuía a qualidade expressa pelo verbo, seja em sentido ativo (“praticou a ação”), seja em sentido passivo (“sofreu a ação”): p. ex., *homo potus* (“homem que bebeu”) e *homo vulneratus* (“homem que foi machucado”). O sufixo em questão era ligado diretamente à raiz verbal, sem sufixo e em sua forma reduzida. Nos casos em que a raiz terminava em consoante, havia a simples adjunção (cf. *clepĕre (clepo)* → *cleptus*), podendo ainda frequentemente haver perda de sufixo ou infixos (cf. *apisci (apiscior)* → *aptus* e *rumpĕre (rumpō)* → *ruptus*). Nos casos em que a raiz terminava em vogal, o participio apresentava vogal longa quando o verbo tinha perfeito em -*āvī* (1ª conj., *amāre (amāvī)* → *amātus*), -*ēvī* (2ª conj., *plĕre (plēvī)* → *plētus*), -*īvī* (4ª conj., *audīre (audīvī)* → *audītus*) e presente em -*ūō* (3ª conj., *statūere (statūo)* → *statūtus*); mas, quando tinha perfeito em -*uī*, apresentava vogal breve (1ª conj., *domāre (domuī)* → *domītus*; 2ª conj. *monĕre (monuī)* → *monītus*; 3ª conj. *molĕre (moluī)* → *molītus*) ou nenhuma vogal (1ª conj., *secāre (secuī)* → *sectus*; e 3ª conj. *docĕre (docuī)* → *doctus*); também não apresentava nenhuma vogal, quando o verbo tinha presente em -*vō* ou -*vĕō* (1ª conj., *lavāre (lavō)* → *lautus*; e 2ª conj., *movĕre (movĕō)* → *motus*). Uma questão de interesse no quadro dos participios passados latinos foi a extensão dos participios em -*sus*. Um fenômeno fonológico em latim transformou as sequências -*t-* ou -*d-* + -*t-* em -*ss-*, fazendo coincidir a sibilante que já existia no perfeito com a recém-adquirida no participio passado (2ª conj., *ridĕre (risī)* → *risus*; 3ª conj., *mittĕre (missī)* → *missus*). Esse modelo de perfeito e participio em sibilante foi tomado como referência para uma mudança analógica, fazendo com que participios cuja raiz não terminava em -*t-* ou -*d-* também tivessem terminação em -*sus*: isso atingiu verbos com raiz terminada em nasal (*manĕre (mansī)* → *mansus*), em -*ct-* (*flectō (flexī)* → *flexus*), em velar (*mergĕre (mersī)* → *mersus*) e no grupo -*ll-* (*vellĕre (vulsī)* → *volsus*). A criação do participio em -*sus* acabou atingindo diversos outros verbos, independentemente do tipo de consoante final da raiz ou da marca de perfeito: *currĕre (cucurri)* → *cursus*; *censĕre (censuī)* → *census*; etc. Para a discussão dos participios passados românicos, convém salientar que os participios latinos poderiam ser arrizotônicos (com acento tônico fora da raiz) ou rizotônicos (com acento tônico na raiz): os primeiros

aparecem nos participios passados com vogal longa antes do morfema de participio; os segundos, nos demais casos (participios passados com vogal breve antes do morfema de participio ou sem nenhuma vogal).

De acordo com Grandgent (1952, p. 265-268), o destino dos participios passados no latim vulgar pode ser assim resumido: (a) verbos sem participio passado inovaram criando-o (**ferītus* para o verbo *ferīre*); (b) na 1ª conjugação, *-ātus* se conservou e se estendeu a todos os verbos (*sectus* > *secatus* e *domitus* > *domatus*); (c) na 3ª conjugação, *-ātus* desapareceu (*oblatus* > *offertus*); (d) na 4ª conjugação, *-ītus* se conservou e se estendeu a quase todos os verbos (*saltus* > *salitus* mas *apertus* e *copertus*), tendo ainda ocorrido a substituição de *ventus* por **venūtus*; (e) na 2ª conjugação, a desinência rara *-ētus* desapareceu, ficando apenas em formas adjetivais (*complētus*); (f) a terminação *-ūtus*, dos verbos com infinitivo em *-uere* e *-vere*, se estendeu para os verbos com perfeito em *-uī* (*habitus* > **habutus*) e depois para outros verbos (*creditus* > **credutus*); (g) apesar da tendência de desaparecimento de *-ītus*, houve algumas novas formações (**positus*); (h) a terminação *-tus* se manteve em aproximadamente 20 verbos (*dictus*), com eventual mudança de acento (*surrectus* > **surtus*), havendo ainda algumas novas formações (*visus* > **vīstus*) ou substituições por *-ātus* (*frictus* > *fricatus*), *-ītus* (*saltus* > *salitus*) ou *-ūtus* (*tentus* > **tenutus*); (i) a terminação *-sus* se conservou em geral (*clausus*), mas houve alguns verbos que a substituíram por *-ītus* (*falsus* > **fallītus*) e *-ūtus* (*visus* > **vidutus*).

3 Fundamentação teórica

Como foi demonstrado na seção precedente, no curso da história do latim, houve uma competição entre formas *rizotônicas* (também chamadas de *irregulares* ou *fortes*), p. ex., *habītus/frictus*, e *arrizotônicas* (também chamadas de *regulares* ou *fracas*), p. ex., **habūtus/fricātus*. O principal processo por trás dessa competição é a chamada *analogia*.

3.1 Analogia

Segundo Bynon (1993, p. 32), a teoria neogramática, modelo que discutiu a atuação de analogia, alega fundamentalmente que a mudança fonológica, em níveis mais elevados (mais abstratos), possui uma total independência em relação a outros níveis linguísticos, tendo como

consequência, no curso do tempo, uma dessintonia entre a estrutura gramatical e a estrutura fonológica. Esse desalinhamento entre as duas estruturas significa que as regras existentes anteriormente foram quebradas, tendo, assim, a possibilidade de demandar uma alteração e um reposicionamento nos estágios pelos quais a língua passa.

Para Bynon (1993, p. 34), a analogia e a mudança fonológica são consideradas dois componentes básicos da mudança linguística na teoria neogramática. Após mencionar esses dois processos, a autora explica que a analogia opera diretamente na relação entre a estrutura gramatical e a estrutura fonológica, em contraste com a mudança fonológica, que opera independentemente da estrutura gramatical e semântica. Bynon (1993, p. 34) estabelece ser esse, de fato, o próprio mecanismo da analogia, que, seja modificando formas linguísticas já existentes seja criando novas, traz de volta o alinhamento entre as formas fonológicas e a função gramatical, após a relação entre elas ter sido rompida pela mudança fonológica. Dessa forma, podem-se identificar dois tipos de formação analógica: *mudança analógica* e *criação analógica*. A mudança analógica produz o realinhamento de elementos em relação a uma categoria gramatical ou semântica sem gerar mais do que a redistribuição de seus elementos, mas a criação analógica produz novas formas ao estender uma correlação de forma e função existente para além de seu domínio original.

3.2 A mudança analógica

Bynon (1993, p. 35) explica que são necessárias duas condições para que a analogia aconteça: (a) pressupor a identidade funcional com relação a alguma categoria gramatical ou semântica específica (plural, substantivo agentivo, dativo) de marcadores formalmente distintos; e (b) pressupor que a estrutura da forma funciona como o modelo morfológicamente transparente para o falante nativo, o que sempre acontece com formas resultantes de regras produtivas. Bynon (1993, p. 35) aponta que a mudança consistirá na substituição da forma menos ou não mais transparente por uma forma de função equivalente cuja estrutura refletirá aquela do modelo. Como resultado, a segmentação morfológica do modelo será transferida para a forma, de maneira que o morfe representante da categoria compartilhada no modelo torne-se um de seus segmentos e os demais são tratados como a base ou uma nova base é criada nos padrões do modelo. Segundo Bynon (1993, p. 35) exemplifica,

quando o marcador de plural *-(e)s* foi transferido da classe de *stone* para a classe de *wound*, este foi sufixado à única forma sobrevivente daquele paradigma, que foi reinterpretada como a base. De forma semelhante, em se tratando do número considerável de verbos fortes que migraram para a conjugação fraca, formas do passado em inglês, tais como *holp*, foram substituídas por novas formas regulares como *helped*, com base na seguinte análise do passado: “base (idêntica ao radical do presente) + alveolar plosiva”, sendo automática a seleção da alternância. Como resultado desse tipo de analogia, mais da metade dos verbos sobreviventes que eram originalmente fortes passaram para a conjugação fraca desde o período do inglês antigo.

Bynon (1993, p. 35) explica que esse processo pode ter ocorrido gradualmente, com formas fracas sendo primeiramente desenvolvidas e utilizadas ao lado das formas fortes durante um período de tempo e, por fim, substituindo-as. Poucas formas fortes sobreviveram como o caso do verbo *knew* (e não *knowed*). Em comparação, novas formações fortes são extremamente raras, embora existam. Este é o caso do verbo *to wear: wore, to spit: spat, to stick: stuck, to fling: flung, to dig: dug, to string: strung*, e regionalmente no inglês americano *to dive: dove*. Tais verbos seguem o padrão dos verbos comuns originalmente fortes. Pode-se acrescentar a esse contexto o fato de que a mudança analógica operou não apenas entre as conjugações forte e fraca, mas também dentro da classe de verbos fortes propriamente dita, de modo que os verbos fortes sobreviventes raramente mantiveram a mesma forma esperada com base em pistas puramente fonológicas de uma comparação entre formas correspondentes no inglês antigo.

Bynon (1993, p. 36) explica que, como consequência dessas mudanças analógicas na morfologia de substantivos e de verbos, houve uma mera redistribuição dos morfemas representantes de morfemas gramaticais específicos, ocasionando um declínio na incidência, ou seja, a frequência de ocorrência de morfemas irregulares. Ao mesmo tempo, houve uma pequena redução no número total de alomorfes representantes desses morfemas. Dessa forma, embora o genitivo em *-s* tenha sido generalizado para todos os substantivos em inglês e não haja mais o morfe zero como alternância, o plural em *-s*, por outro lado, ainda alterna com o morfe zero, *-n* e mudança de vogal em alguns casos, como, por exemplo, *sheep, oxen, women* e, assim, os alomorfes irregulares não foram completamente eliminados. Isso se aplica de forma igual no caso das formas verbais

do passado no inglês. Resta ainda um número significativo de verbos fortes e, conseqüentemente, o número total de alternantes do morfema de passado tem se mantido relativamente estável. Bynon (1993, p. 36) explica ainda que as mudanças não reduziram de forma substancial o número de regras necessárias para a formação do plural e do passado, não obstante tenham aumentado em grande escala a frequência dos alternantes regulares. Uma consequência mais decisiva dessas mudanças estaria no léxico, pois causaram uma redução substancial no número de raízes com alomorfia. Bynon (1993, p. 36) acrescenta que todos os itens lexicais transferidos para o padrão regular perderam seus alternantes irregulares e cada um veio a ser representado por um único morfe em seu paradigma. Os exemplos da formação de plural a seguir são os poucos substantivos que não levam o sufixo *-s*: *feet, teeth, geese, mice, lice, men, oxen, children*, etc. Paralelamente, os alternantes irregulares ainda desempenham um papel importante em relação aos verbos (cerca de 80 em uso atualmente). Bynon (1993, p. 36) identifica duas facetas da mudança analógica: por um lado, produz o efeito regularizador na gramática ao eliminar alternantes gramaticais irregulares ou, pelo menos, diminuir sua frequência de ocorrência; por outro, reduz o número total de itens lexicais irregulares na língua.

Também é possível observar a mudança analógica de outro ângulo, a partir de seus efeitos na alternância morfológica, isto é, de acordo com o número e a forma dos alomorfes (ou alternantes) de morfemas individuais em paradigmas flexionados e padrões derivacionais (/ki:p/ ~ /kep-/ em *keep*: *kept*, /gu:t/ ~ /gü:t-/ em *gut* “bom”: *Güte* “bondade”). Todos os casos de mudança analógica citados até o momento podem, sob esse ponto de vista, ser interpretados enquanto instâncias de nivelamento analógico, já que produziram o efeito de eliminar ou, ao menos, reduzir a alternância. Conforme Bynon (1993, p. 37), desde a sua transferência para a conjugação fraca, o verbo *help* passou a ter um único alternante *helped*, em vez de dois, representados por /help/ e /h-lp/. Ainda segundo a autora, tais casos de eliminação da alternância no léxico teriam um efeito regularizador na língua, visto que os verbos que foram para a conjugação fraca não necessitam mais ser listados para um tratamento separado no que se refere à formação do passado. Pode-se dizer o mesmo para o morfema plural dos substantivos: a substituição de *kine* por *cows* aumentou a incidência do morfe plural regular e eliminou um alternante do léxico. Bynon (1993, p. 37) completa que a alternância, em

alguns casos, não é completamente eliminada, mas apenas reduzida, ou seja, os alternantes se tornam mais similares sem, no entanto, alcançar uma identidade. Portanto, a palavra que designa “roda” no alemão protomoderno possuía os alternantes /ra:d-/ e /rat/, que no alemão atual são /ra:d-/ e /ra:t/.

Afirma Bynon (1993, p. 37) que a mudança analógica pode também aumentar a alternância, a qual nesse caso é possível de ser tratada como extensão analógica de uma alternância que ultrapassa o seu domínio original. Via de regra, essa seria a mudança mais rara das duas. Para dar um exemplo familiar, Bynon (1993, p. 37) cita o caso da difusão do *r* intrusivo em certas variedades do inglês britânico atual: (a) itens lexicais que apresentam uma alternância entre vogal em final de palavra e vogal + *r* antes de vogal (*car* /ka:/ ~ *car of* /ka:-r-əv/); e (b) itens lexicais que passaram a partilhar dessa alternância após o processo de mudança analógica (*law* /lɔ:/ ~ *law of* /lɔ:-r-əv/). A mudança analógica, portanto, criou a alternância utilizando *r* no caso de palavras que, ao longo de sua história, não tinham esse *r*. Bynon (1993, p. 37) cita também exemplos de difusão analógica no alemão, casos em que o marcador de plural em *-er* acompanhado de *Umlaut* (metafonia) era considerado como base apenas de uma pequena classe nuclear. O espalhamento do sufixo *-er* afetou um grande número de substantivos neutros cujas formas de plural eram idênticas às formas do singular. Através do modelo de certas formas antigas como *Kalb*: *Kälber* e *Lamm*: *Lämmer*, inúmeros plurais com *Umlaut* foram criados com substantivos neutros como *Wort*: *Wörter*, *Buch*: *Bücher*, *Kraut*: *Kräuter* e até com um pequeno número de substantivos masculinos como *Mann*: *Männer*, *Wald*: *Wälder*. Segundo Bynon (1993, p. 38), a afixação de *-er* vem sempre acompanhada pelo *Umlaut* na vogal da raiz, de forma que a alternância da raiz com *Umlaut* e sem *Umlaut* se estendeu a itens lexicais que previamente não tinham essa alternância, resultando no aumento da uniformidade na formação do plural e, também, na frequência da alternância no léxico. Bynon (1993, p. 38) explica que a alternância nos itens lexicais não teve um aumento expressivo, visto que vários desses substantivos já possuíam uma alternância com *Umlaut* com finalidades derivacionais, por exemplo, na formação de diminutivo ou de adjetivo em *-lich* ou *-ig*. Enquanto o *Umlaut* é totalmente previsível no caso do plural em *-er* (*Wort*: *Wörter*), já nos processos derivacionais sua ocorrência é imprevisível: *Wort*, *Wörtchen*, *wörtlich*, mas *Holz*, *Hölzchen*, *holzig*; e *Haus*, *häuslich*, mas *Gast*, *gastlich*, entre outros. Bynon (1993, p. 38) explica ainda que,

enquanto a formação do plural implica automaticamente em alternância, os processos derivacionais não necessariamente o fazem por ser de maior economia tratar cada processo morfológico como tendo uma regra de alternância ao invés de buscar atribuir uma regra para cada base lexical. Bynon (1993, p. 38) complementa dizendo, a respeito da extensão da alternância morfológicamente redundante, que considera, em termos de economia estrutural, um processo que não é de fácil explicação e, apesar desse caráter complexo, foi elevado ao *status* de princípio como uma forma mais completamente marcada que tende a se favorecer às custas de outras menos inteiramente marcadas.

Bynon (1993, p. 38) explica o fato de ter adotado a discussão sobre a morfologia flexional ao invés da morfologia derivacional. Comenta que, apesar das mudanças analógicas atingirem também a morfologia derivacional, isso ocorre em uma escala bastante limitada. Um dos motivos estaria no fato de que a alomorfia é uma regra menos claramente definida na morfologia derivacional, embora a mudança analógica pressuponha que alguma categoria semântica específica seja representada por dois ou mais elementos em competição, como, por exemplo, certos substantivos agentivos terminados em *-er* em alemão. Bynon (1993, p. 39) explica, ainda, que esse tipo de substantivo se espalhou na língua às custas de um tipo mais antigo que, após ser modificado pela mudança fonológica, seus membros se tornaram irreconhecíveis como classe. Para a representação da palavra *padeiro* em alemão, existia a forma *Beck*, que ainda sobrevive dialetalmente. Porém, foi substituída pelo substantivo agentivo *Bäcker*, formado a partir do verbo *backen* em analogia com pares de palavras como *fischen: Fischer* e *graben: Gräber*. Seguindo por um caminho paralelo, existem *Trinker, Geber* e *Helfer*, que substituíram as formas equivalentes mais antigas funcionalmente do antigo alto alemão: *trinko, gebo* e *helfo*. Segundo a autora, como resultado do processo de remodelamento e da produtividade contínua do sufixo *-er*, os substantivos agentivos que não se formaram com esse sufixo passaram a ser raros na língua alemã.

Bynon (1993, p. 39) afirma que os motivos pelos quais as mudanças analógicas ocorrem com menor frequência na morfologia derivacional do que na morfologia flexional devem ser investigados em diferenças gerais entre esses dois processos. As regras sintáticas de uma língua podem exigir que cada substantivo e verbo flexione para um específico número de categorias gramaticais, não existindo restrições

comparáveis em relação a regras derivacionais: é geralmente imprevisível se um derivado específico ocorrerá ou não na língua; porém terão de ser listadas no léxico todas as formas derivadas. Além disso, enquanto as categorias gramaticais operativas nas regras sintáticas tendem a formar pequenas classes relativamente fechadas, as categorias semânticas envolvidas na derivação de novos itens lexicais são, em geral, em grande número, e cada uma envolve constantemente somente uma quantidade limitada de bases. É necessário adicionar o fato de que, no interior de cada conjunto derivacional caracterizado por um padrão formal específico, a relação semântica entre a base e a derivada não é idêntica em todos os contextos. Bynon (1993, p. 39) explica que, em razão do seu papel lexical primordial e sua participação limitada na sintaxe, as regras derivacionais estão muito menos sujeitas à mudança analógica do que à mudança flexional, justamente pelo fato de os dois componentes parecerem atuar bastante diferentemente um do outro, de maneira que, com certa frequência, acontece de uma alternância herdada sobreviver entre a base e a derivada, embora seja eliminada no paradigma flexional.

3.3 A criação analógica

Bynon (1993, p. 40) explica que, se a mudança analógica é o mecanismo fundamental através do qual mudanças morfológicas de um idioma são atualizadas, a criação analógica é o mecanismo que permite a renovação de recursos lexicais e conceituais. Para a autora, praticamente toda inovação não resultante de empréstimo é motivada, ou seja, formada, via de regra, a partir de formas pré-existentes. É o caso de palavras como *measurable*, *reasonable*, *acceptable*, *agreeable*, *comfortable* e *profitable*, que foram emprestadas do francês e incorporadas ao inglês médio. A base dessas palavras sem o sufixo também foi emprestada e incorporada em substantivos (*measure*, *reason*), verbos (*accept*, *agree*) ou ambos (*comfort*, *profit*) e, por isso, *-able* pode ser considerado um morfe com a função “capaz de/para...” ou “capaz de ser...”. Esse padrão se tornou extremamente produtivo no inglês e, atualmente, a derivação *-able* é frequentemente utilizada para formar adjetivos, principalmente a partir de verbos (*eatable*, *drinkable*, *machine washable*, etc.). Segundo Bynon (1993, p. 40), uma possível razão para a popularidade desse padrão seria o fato de ele não provocar alternância morfológica na base. Exemplos mais modernos de criação analógica são os termos que

nomeiam itens recentemente incorporados ao menu, como *beefburger*, *cheeseburger*, *eggburger*, *baconburger* e até mesmo *burger*. Todos esses termos resultaram de uma nova segmentação e reinterpretação semântica da palavra *hamburger* (que, na verdade, vem de *Hamburg* “Hamburgo”; e não de *ham* “presunto”). Também servem de exemplo palavras como *townscape*, *seascape*, *beachscape* e *moonscape*, criadas a partir do modelo da palavra *landscape*.

Bynon (1993, p. 40) define como marginal a distinção entre mudança analógica e criação analógica. Para a autora, tal distinção é típica de uma abordagem da língua baseada em *corpus*, segundo a qual todas as formas encontradas devem ser analisadas e explicadas. Se, no entanto, a língua é considerada a partir do seu aspecto criativo, que opera na competência de um falante conforme determinadas regras, essa divisão perde significado, pois as mesmas regras que geraram formas pré-existentes podem facilmente dar origem a novas formas. A autora esclarece que, em um modelo de linguagem baseado em regras, a criação analógica pode ser facilmente explicada, seja a partir de regras sincrônicas existentes, seja a partir de regras suscetíveis de existir na língua. Novas palavras como *moonscape* são imediatamente compreendidas porque são baseadas em uma regra latente que explica a palavra *landscape*.

Bynon (1993, p. 40) afirma que a morfologia flexional e a derivacional representam as áreas da gramática em que se podem mais facilmente observar os efeitos do princípio da analogia. A aplicação de padrões para além do seu domínio original é, no entanto, bem comprovada na sintaxe. A autora apresenta como exemplo o verbo *lehren* (“ensinar”), do alemão. Na fase mais antiga dessa língua, utilizavam-se dois acusativos (*einen etwas lehren*, “ensinar alguém algo”), mas, no alemão atual, a pessoa que sofre a ação pode também aparecer no dativo (*einem etwas lehren*, “ensinar a alguém algo”), presumidamente conforme a analogia com um número grande de verbos de três partes que têm um objeto dativo (*einem etwas erzählen/zeigen/geben*, etc. “dizer, mostrar, dar a alguém algo”). Outro exemplo provém do declínio constante na frequência de objetos do caso genitivo. Ainda se diz em alemão padrão: *der Toten gedenken* (“recordar os mortos”), *einer Sache bedürfen* (“precisar de algo”). Os objetos que acompanham esses verbos estão no genitivo, mas esses casos são raros e muitos outros verbos que exigiam um objeto genitivo no passado o substituíram por um acusativo (*etwas vergessen/begehren/entbehren/geniessen* “esquecer, desejar, faltar, apreciar algo”).

4 Hipóteses de trabalho

A língua latina tinha 4 paradigmas de conjugação verbal, que foram reduzidos a 3 no italiano, no espanhol e no português. Entretanto, há uma especificidade que diferencia o primeiro dos dois últimos. A 3ª conjugação latina, em função do sistema acentual dessa língua, apresentava infinitivo rizotônico, em contraste com a 1ª, 2ª e 4ª com infinitivo arrizotônico de forma geral. No italiano, a 2ª e a 3ª conjugação latina fundiram-se formando a 2ª conjugação italiana, mantendo infinitivos arrizotônicos (paroxítonos) e rizotônicos (proparoxítonos), mas, no espanhol e no português, a fusão formando a 2ª conjugação respectiva resultou na manutenção de infinitivos apenas arrizotônicos (paroxítonos). Pode-se, assim, hipotetizar que *os participios passados rizotônicos no italiano estejam predominantemente na 2ª conjugação, diferentemente do espanhol e do português*, pois a manutenção de infinitivo rizotônico (proparoxítono) no primeiro deve ter favorecido a manutenção e a criação de participios passados rizotônicos nessa mesma língua.

Além disso, no latim, os participios passados rizotônicos eram muito raros e geralmente se tornaram arrizotônicos no latim vulgar: pode-se, por isso, hipotetizar que, *no italiano, no espanhol e no português, os participios passados rizotônicos da 1ª conjugação sejam predominantemente criações analógicas que constituem inovações românicas*.

5 Metodologia

Para realizar a análise comparativa dos participios passados rizotônicos no italiano, no espanhol e no português, foi feita uma coleta de dados a fim de constituir um *corpus* a partir do qual se possam realizar interpretações para o tema.

O *corpus* para análise foi formado a partir de consulta a diferentes gramáticas de cada língua em questão.¹ Para avaliar a hipótese relativa às

¹ Italiano: Peccianti (1993); Diaco e Kraft (2003); Conforti e Cusimano (2005); Chiuchiù, Fazi e Bagianti (2007); Bailini e Consonno (2004); Marin e Magnelli (2010); Nocchi (2011); Birello e Vilagrassa (2012); Chiuchiù e Chiuchiù (2012); Trifone e Palermo (2014) / Espanhol: Real Academia Española (1928); Ballesteros e Sordo (2005); Martins e Pacheco (2005); Raya *et al.* (2005); Moreno *et al.* (2007); Ainciburu *et al.* (2011); Torrego (2011) / Português: Pereira (1945); Reis (1978); Lobato (1999); Cunha e Cintra (2007); Bechara (2009); Cunha (2010); Perini (2010).

inovações românicas fez-se necessário relacionar as formas de participio passado nas línguas românicas em questão com as formas latinas.

Mais concretamente, a coleta de dados foi feita com o registro de todas as formas de participio passado rizotônico e respectivos infinitivos apresentados nas obras consultadas para o italiano, o espanhol e o português; e com a identificação da forma etimológica latina relacionada às formas românicas registradas.

6 Descrição e discussão dos dados

6.1 Visão geral

Com base no método de coleta de dados descrito, foi possível constituir uma lista de 247 itens relevantes.

Um primeiro aspecto a ser considerado é a *existência de formas correlatas entre as três línguas românicas consideradas*. Em 194 casos (78,5%), há forma correlata em italiano, em espanhol e em português (p. ex., it. *muovere/mosso*; esp./port. *mover/movido*). Em 10 casos (4%), há apenas entre italiano e português (p. ex., it. *aggiungere/aggiunto*; port. *adjungir/adjungido*). Em 27 casos (10,9%), apenas entre espanhol e português (p. ex., esp. *encubrir/encubierto*; port. *encobrir/encoberto*). Em 10 casos (4%), há forma relevante apenas no italiano (p. ex., it. *uccidere/ucciso*). E, por fim, em 6 casos (2,4%), há forma relevante apenas no português (p. ex., port. *safar/safado-safo*).

Um segundo aspecto é a questão da *existência de correspondência com forma infinitiva latina dicionarizada*. Convém esclarecer que, em relação a esse aspecto, há duas possibilidades: correspondência plena (as formas das três línguas românicas têm correspondência com uma forma latina dicionarizada, como lat. *vidēre/visum*, it. *vedere/visto-veduto* e esp./port. *ver/visto*) ou correspondência parcial (uma ou duas línguas românicas têm correspondência com uma forma latina dicionarizada, mas a(s) outra(s) não, como lat. *finīre/finitum*, it. *finire/finito* e esp. *finir/finido* mas port. *findar/findado*, com forma infinitiva hipotética **finitāre* derivada do participio passado *finitum*). Os resultados podem ser melhor visualizados na tabela abaixo:

Tabela 1 – Tipos de correspondência das formas infinitivas do *corpus*

Tipo de correlação	Com correspondência latina plena	Com correspondência latina parcial	Sem correspondência latina	Total
I-E-P	154	8	32	194
I-P	9	0	1	10
E-P	10	0	17	27
I	7	0	3	10
P	2	0	4	6
Total	182	8	57	247

Legenda: I = italiano, E = espanhol, P = português. A correção I-E-P significa que existência de formas correlatas nas três línguas em questão; já I-P e E-P significam existência dessa correlação entre apenas cada uma das duas em questão; por fim, I e P indicam formas privativas da língua em questão.

Uma primeira questão que se pode avaliar é se os participios passados rizotônicos românicos têm relação com o seu paradigma de conjugação. Como foi sugerido na primeira hipótese de trabalho deste estudo, o italiano teria mais participios passados rizotônicos na 2ª conjugação do que o espanhol e o português por ter mantido infinitivos rizotônicos nessa conjugação.

Tabela 2 – Participios passados rizotônicos românicos por paradigma de conjugação²

Conjugação	Idioma		
	Italiano	Espanhol	Português
1ª conjugação	6 (4%)	8 (12,5%)	77 (36,6%)
2ª conjugação (infinitivo arizotônico)	4 (2,7%)	33 (51,6%)	66 (31,4%)
2ª conjugação (infinitivo rizotônico)	122 (81,9%)	–	–
3ª conjugação	17 (11,4%)	23 (35,9%)	67 (31,9%)
Total	149 (100%)	64 (100%)	210 (100%)

² Em seis casos do português, há dois participios passados rizotônicos: *aceitar/aceitado-aceito-aceite*; *cativar/cativado-cativo-capto*; *cozer/cozido-cozeito-coito*; *assentar/assentado-assento-assente*; *extremar/extremado-extreme-extremo*.

Os dados da Tabela 2 acima confirmam a hipótese de que o italiano tem mais participios passados rizotônicos na 2ª conjugação do que o espanhol e o português. Isso serve de evidência para o postulado de que o italiano apresenta mais participios passados rizotônicos na 2ª conjugação porque manteve infinitivos rizotônicos.

A tabela permite verificar, no entanto, que, embora o italiano tenha mais participios passados rizotônicos na 2ª conjugação, não é, dentre as línguas analisadas, a que mais apresenta esse tipo de forma, mas sim o português.

Levando adiante a discussão dos dados, convém salientar que há três tipos relevantes de situação para a análise das línguas românicas: presença apenas de participio passado arrizotônico (A), apenas de rizotônico (R) ou de dois ou mais participios, caso em que geralmente há um arrizotônico e outro(s) rizotônico(s) (AR)³. O cruzamento desse aspecto com a tabela acima permitirá verificar qual é a relação entre os participios passados arrizotônicos latinos e românicos.

³ É raro no *corpus* caso de dois participios passados arrizotônicos ao lado de um rizotônico. Há apenas o seguinte caso no português: *absolver/absolvido-absoluto-absolto*. Dados como o do português *manter/mantido-manteúdo* não fazem parte do *corpus* por não apresentarem participios passados rizotônicos.

Tabela 3 – Formas de participio passado do *corpus* com correspondência latina plena

Tipo de correlação	Forma de participio				Total	
	Lat.	It.	Esp.	Port.		
I-E-P	A	A	A	AR	22	154
	A	A	AR	AR	2	
	A	A	R	A	1	
	A	A	R	AR	1	
	A	AR	R	AR	1	
	A	R	R	A	2	
	A	R	R	AR	2	
	R	A	A	AR	7	
	R	A	A	R	2	
	R	A	AR	AR	2	
	R	AR	A	AR	3	
	R	R	A	A	19	
	R	R	A	AR	56	
	R	R	AR	A	1	
	R	R	AR	AR	14	
	R	R	AR	R	1	
	R	R	R	AR	6	
R	R	R	R	12		
I-P	R	A	–	AR	1	9
	R	R	–	A	2	
	R	R	–	AR	6	
E-P	A	–	A	AR	6	10
	A	–	AR	AR	1	
	R	–	A	AR	2	
	R	–	R	R	1	
I	R	AR	–	–	1	7
	R	R	–	–	6	
P	R	–	–	AR	2	2
Total					182	

A tabela acima evidencia que a história dos participios passados rizotônicos românicos é bastante complexa, uma vez que os padrões resultantes no caso de formas infinitivas com correspondência latina plena são muito variados.

Para responder à questão da relação entre os participios passados rizotônicos latinos e românicos, é necessário extrair dados da referida Tabela 3. Considerando os 154 itens do padrão I-E-P, verifica-se que há 123 itens em que já no latim havia participio passado rizotônico (cf. categorias com R na coluna do latim).

Nesses 123 itens com participípio passado latino rizotônico, em 90 tem-se efetivamente apenas a continuação histórica (com as respectivas mudanças fônicas) da forma latina rizotônica no italiano (p. ex., lat. *tingĕre/tinctum* e it. *tingere/tinto*). Em 19 há apenas forma rizotônica italiana diferente da latina (p. ex., lat. *prævidĕre/provisum* e it. *prevedere/previsto*). Em 3, tem-se no italiano a continuação histórica da forma latina rizotônica e também a criação de uma nova forma arrizotônica (p. ex., lat. *insĕrĕre/insertum* e it. *inserire/inserto-inserto*). Em 11, há a substituição da forma rizotônica latina por uma arrizotônica no italiano (p. ex., lat. *vĕnĭre/ventum* e it. *venire/venuto*).

Enfim, de 123 casos de participípio passado rizotônico no latim, 93 (75,6%) tiveram continuação histórica no italiano (sozinhos ou com forma arrizotônica paralela), o que permite dizer que o italiano apresenta alta taxa de retenção de participípios passados rizotônicos de origem latina.

Nos referidos 123 itens com participípio passado latino rizotônico, em 16 tem-se efetivamente apenas a continuação histórica (com as respectivas mudanças fônicas) da forma latina rizotônica no espanhol (p. ex., lat. *rŭmpĕre/ruptum* e esp. *romper/roto*). Em 2 há apenas forma rizotônica espanhola diferente da latina (p. ex., lat. *prævidĕre/provisum* e esp. *prever/previsto*). Em 16, tem-se no espanhol a continuação histórica da forma latina rizotônica e também a criação de uma nova forma arrizotônica (p. ex., lat. *tingĕre/tinctum* e esp. *teñir/teñido-tinto*). Em 87, há a substituição da forma rizotônica latina por uma arrizotônica (p. ex., lat. *vĕnĭre/ventum* e it. *venir/venido*). Em 2 há uma forma rizotônica espanhola diferente da latina e ainda a criação de uma nova forma arrizotônica (p. ex., lat. *extendĕre/extentum* e esp. *extender/extenso-extendido*).

Enfim, de 123 casos de participípio passado rizotônico no latim, 32 (26%) tiveram continuação histórica no espanhol (sozinhos ou com forma arrizotônica paralela), o que permite dizer que o espanhol apresenta baixa taxa de retenção de participípios passados rizotônicos de origem latina.

Nos referidos 123 itens com participípio passado latino rizotônico, em 11 tem-se efetivamente apenas a continuação histórica (com as respectivas mudanças fônicas) da forma latina rizotônica no português (p. ex., lat. *sātisfĕrĕ/satisfactum* e port. *satisfazer/satisfeito*). Em 4 há apenas forma rizotônica portuguesa diferente da latina (p. ex., lat. *prævidĕre/provisum* e port. *prever/previsto*). Em 83, tem-se no português a continuação histórica da forma latina rizotônica e também a criação de uma nova forma

arrizotônica⁴ (p. ex., lat. *tingĕre/tinctum* e port. *tingir/tingido-tinto*). Em 20, há a substituição da forma rizotônica latina por uma arrizotônica (p. ex., lat. *mōvēre/motum* e port. *mover/movido*). Em 5 há forma rizotônica portuguesa diferente da latina e ainda a criação de uma nova forma arrizotônica⁵ (p. ex., lat. *tendĕre/tentum* e port. *tender/tenso-tendido*).

Enfim, de 123 casos de particípio passado rizotônico no latim, 94 (76,4%) tiveram continuação histórica no português (sozinhos ou com forma arrizotônica paralela), o que permite dizer que o português também apresenta alta taxa de retenção de particípios passados rizotônicos de origem latina.

Os dados apurados acima mostram uma situação curiosa: espanhol tem baixa taxa de retenção de particípios passados rizotônicos de origem latina (26%), mas italiano e português apresentam alta taxa (respectivamente, 75, 6% e 76,4%); no entanto, italiano e português se diferenciam quanto à situação da forma rizotônica de origem latina: no primeiro, é predominantemente como particípio único (90/123 = 73,2%), mas, no segundo, o é com mais de um particípio (83/123 = 67,5%), geralmente duplo e eventualmente triplo.

Veja-se agora a relação entre os particípios passados arrizotônicos latinos do *corpus* e os românicos correspondentes. Considerando os 154 itens do padrão I-E-P, verifica-se que há 31 em que já no latim havia particípio passado arrizotônico (cf. categorias com A na coluna do latim).

No italiano, em 26 itens há apenas a forma arrizotônica: nesses casos tem-se efetivamente a continuação histórica da forma latina (p. ex., lat. *acceptāre/acceptatum* e it. *accettare/accettato*). Em 4 itens há particípio passado arrizotônico no latim e há rizotônico no italiano (p. ex., lat. *absolvĕre/absolutum* e it. *assolvere/assolto*). Em 1, tem-se no italiano a continuação histórica da forma latina arrizotônica e também a criação de uma nova forma rizotônica (p. ex., lat. *volvĕre/volūtum* e it. *volgere-volvere/voluto-volto*).

No espanhol, em 22 itens há apenas forma arrizotônica: nesses casos tem-se efetivamente a continuação histórica da forma latina (p. ex., lat. *acceptāre/acceptatum* e esp. *aceptar/aceptado*). Em 7, há a

⁴ Em um caso a mesma forma rizotônica latina deu origem a duas rizotônicas portuguesas: lat. *nasci/natus* e port. *nascido/nado-nato*. A forma *nato* sugere possível origem erudita para alguns rizotônicos.

⁵ Em um caso, há uma arrizotônica e ainda duas formas rizotônicas no português, todas distintas da latina: lat. *coquĕre-cōcĕre/coctum* e port. *cozer/cozido-cozeito-coito*.

substituição da forma arrizotônica latina por uma rizotônica (p. ex., lat. *absolvĕre/absolutum* e esp. *absolver/absuelto*). Em 2, tem-se a continuação histórica da forma latina arrizotônica e também a criação de uma nova forma rizotônica (p. ex., lat. *māñifestāre/manifestatum* e esp. *manifestar/manifestado-manifiesto*).

No português, em 24 itens tem-se a continuação histórica da forma latina arrizotônica e também a criação de uma nova forma rizotônica⁶ (p. ex., lat. *māñifestāre/manifestatum* e port. *manifestar/manifestado-manifiesto*). Em 1, tem-se a continuação histórica da forma latina arrizotônica e também a criação de uma nova forma arrizotônica e outra rizotônica (p. ex., lat. *absolvĕre/absolūtum* e port. *absolver/absoluto-absolvido-absolto*). Em 3, tem-se a criação de uma nova forma arrizotônica e outra rizotônica (p. ex., lat. *involvĕre/involūtum* e port. *envolver/envolvido-envolto*). Em 4 tem-se a continuação histórica da forma latina arrizotônica e também a criação de uma outra forma arrizotônica (p. ex., lat. *devolvĕre/devolūtum* e port. *devolver/devoluto-devolvido*).

Os dados apurados acima mostram um padrão comum: as três línguas apresentam alta taxa de retenção de participios passados arrizotônicos de origem latina (italiano, 27/31 = 87,1%; espanhol, 24/31 = 77,4%; português, 29/31 = 93,5%), embora o português apresente a mais alta taxa de retenção.

Não se fará aqui análise pormenorizada das demais categorias (I-P, E-P, I e P) do *corpus* com correspondência latina plena, porque apresentam muito poucos dados, tornando desaconselháveis as generalizações. O mesmo se aplica aos poucos casos de correspondência latina parcial da categoria I-E-P. Embora não sejam analisados detidamente aqui, sua existência é digna de nota para salientar a complexidade da evolução histórica dos participios passados latinos para as línguas românicas.

Uma vez discutidos os dados referentes aos participios passados latinos rizotônicos e arrizotônicos nos casos de presença de forma correlata no italiano, no espanhol e no português com correspondência latina plena, podem-se considerar esses aspectos em casos sem correspondência latina, conforme a tabela abaixo:

⁶ Em dois casos, há uma arrizotônica herdada e ainda duas formas rizotônicas no português, ambas distintas da latina: lat. *acceptāre/acceptatum* e port. *aceitar/aceitado-aceito-aceite*; lat. *captivāre/captivatum* e port. *cativar/cativado-cativo-capto*.

Tabela 4 – Formas de particípio passado do *corpus* sem correspondência latina

Tipo de correlação	Idiomas	Forma de particípio			Total
		It.	Esp.	Port.	
I-E-P	IT./ESP./PORT.	A	A	AR	18
		A	AR	AR	1
		A	R	AR	1
		R	A	AR	1
		R	A	A	1
		AR	AR	AR	1
		R	R	AR	2
	R	R	R	5	
	IT. × ESP./PORT.	R	A	A	1
		A	A	AR	1
I-P	IT./ PORT.	R	–	AR	1
E-P	ESP./PORT.	–	A	AR	10
		–	AR	AR	5
		–	R	R	2
I	IT.	R	–	–	1
		A	–	–	2
P	PORT.	–	–	AR	4
Total					57

Novamente, os dados mostram como a história dos particípios passados rizotônicos românicos é complexa, uma vez que os padrões resultantes no caso de formas infinitivas sem correspondência latina são muito variados.

Quando se levam em conta as três línguas românicas em questão, há 32 dados pertinentes. Em 30 deles, parece claro que as formas românicas têm, para cada caso, a mesma origem. Essa convergência na origem parece apontar para a existência de uma mesma forma latina de origem não documentada, embora não seja impossível haver casos de inovação comum. A etimologia das formas românicas apresentada nas obras consultadas assume, por vezes, a hipótese de origens diversas com resultados comuns: p. ex., a forma infinitiva latina *complēre* não é postulada como fonte direta para as formas românicas correspondentes (it. *completare*; esp./port. *completar*), pois, para o italiano, atribui-se

como fonte a forma francesa *compléter* e, para o espanhol e português, uma derivação sufixal a partir da forma românica *completo*. Por que não se atribuiu a derivação como fonte para as três? De forma geral, os itens em questão situam-se na 1ª conjugação (23 casos do italiano, 21 do espanhol e 20 do português)⁷. Sendo assim, seria de esperar que os participípios passados românicos respectivos fossem essencialmente arrizotônicos (como é comum nesse paradigma). Entretanto, não é isso que se constata, a partir da análise dos dados.

No padrão I-E-P/ IT.-ESP.-PORT./A-A-R, de 18 itens, 17 são da 1ª conjugação nas três línguas: no italiano e no espanhol, há, como esperado, apenas formas arrizotônicas, mas no português há também em todos eles uma forma rizotônica⁸: p. ex., it. *situare/situato*, esp. *situar/situado* e port. *situar/situado-sito*. No padrão I-E-P/ IT.-ESP.-PORT./A-AR-R, o único item é de 1ª conjugação: no italiano há, como esperado, forma arrizotônica, mas no espanhol e no português há também uma forma rizotônica: p. ex., it. *giuntare/giuntato* e esp./port. *juntar/juntado-junto*. No padrão I-E-P/ IT.-ESP.-PORT./AR-AR-AR, o único item é de 1ª conjugação: no italiano, no espanhol e no português há uma forma arrizotônica e outra rizotônica: p. ex., it. *confessare/confessato-confesso*, esp. *confesar/confesado-confeso* e port. *confessar/confessado-confesso*. Esses dados, à primeira vista, sugeririam que os participípios passados rizotônicos não seriam simplesmente resquícios latinos: são frutos de processos românicos de formação. Mas, nos três exemplos acima, as formas rizotônicas em questão apresentam correspondência com os participípios latinos das formas que serviram de base para os derivados românicos: o verbo latino *sinĕre* tinha como participípio passado *situm* (fonte para os infinitivos românicos correspondentes formados por derivação sufixal); *iungĕre* tinha participípio *iunctum*; e *confĭtĕri* tinha participípio passado *confessus sum*.

Essa correspondência sugere, então, uma nova linha de análise: seriam todos os participípios passados rizotônicos românicos simplesmente

⁷ A diferença no número de casos em questão se deve ao fato de um mesmo verbo correlato se situar em diferentes conjugações românicas: cf. it. *morire* e esp. *morir* (3ª conj.) x port. *morrer* (2ª conj.); it. *contraffare* (1ª conj.) x esp. *contrahacer* e port. *contrafazer* (2ª conj.).

⁸ Em um dos casos do português, há duas rizotônicas: *extremar/extremado-extreme-extremo*.

heranças latinas, ou seja, mesmo que não fossem herança do verbo que teve continuação histórica nas línguas românicas, seriam de outros verbos que desapareceram, mas deram origem a derivados (tratar-se-ia, portanto, de casos de supletivismo⁹). Para avaliar essa nova hipótese, convém verificar a etimologia de todos os participípios passados rizotônicos românicos da base de dados deste estudo.

Dos 247 itens do *corpus*, 214 têm dados referentes ao italiano (categorias I-E-P, I-P e I, independentemente do tipo de correspondência com o latim). Dentre esses 214, 149 apresentam uma ou mais formas rizotônicas (144 com apenas forma rizotônica e 5 com forma rizotônica e forma arrizotônica). Desses 149 itens, em 104 casos o participípio passado rizotônico italiano deriva claramente do participípio passado rizotônico latino correspondente (p. ex., lat. *risum* e it. *riso*). Os demais 45 podem ser distribuídos em 6 grupos.

O primeiro grupo (7 itens), todos com correspondência latina, se refere aos relacionados ao participípio passado arrizotônico latino da 3ª conjugação de tema em *ū*: lat. *absolūtum* e it. *assolto*; lat. *devolūtum* e it. *devolto*; lat. *dissolūtum* e it. *dissolto*; lat. *exsolūtum* e it. *sciolto*; lat. *resolūtum* e it. *risolto*; lat. *revolūtum* e it. *rivolto*; lat. *volūtum* e it. *volto*. Para esse grupo, Grandgent (1933, p. 154) sugere ter havido uma reestruturação: *volūtus* > *volvītus* > *volto*. Embora o autor não o tenha dito de forma explícita, infere-se que o verbo de 3ª conjugação de tema em *ū* tenha sido reestruturado como de tema em consoante (cf. lat. *compōnēre/compositum*).

O segundo grupo (19 itens, alguns com correspondência latina e outros não), refere-se aos relacionados à generalização dos morfemas de participípios *-to* e *-so*. São formas com correspondência no latim: lat. *accorruptum* e it. *accorto*; lat. *collectum* e it. *colto*; lat. *convulsum* e it. *convelto*; lat. *remansum* e it. *rimasto*; lat. *responsum* e it. *risposto*; lat. *surrectum* e it. *sorto*; lat. *visum* e it. *visto*; lat. *prævisum* e it. *previsto*; lat. *provisum* e it. *provvisto*; lat. *attentum* e it. *atteso*; lat. *motum* e it. *mosso*; lat. *remotum* e it. *rimosso*; lat. *redditum* e it. *reso*; lat. *subtentum* e it. *sotteso*; lat. *perditum* e it. *perso*. Formas sem correspondência no

⁹ Supletivismo é um processo em que um paradigma acolhe formas de outro paradigma: na história do português, um caso clássico é o do verbo *ir* que apresenta formas derivadas dos verbos latinos *ire*, como port. *ides* (< lat. *itis*), e do *vadere*, como port. *vou* (< lat. *vado*).

latim: it. *scegliere/scelto* da hipotética latina *ex + elīgĕre/electum*; it. *nascondere/nascosto* derivaria da forma hipotética latina *in + abscōndĕre/abscōnditum*; o it. *offrire/offerto* da hipotética latina *offerire*, relacionada à forma latina *offĕrre/oblatum*; *soffrire/sofferto* da hipotética latina *sufferire*, relacionada à forma latina *suffĕrre/sustentum*. Grandgent (1933, p. 154) esclarece que os participios dos tipos *-so* e *-to* sofreram extensão: *abscōndĭtus > asconso/ascosto*; *mōtus > moſso*; *quaesĭtus > chieſto*; *latus > tolto*; *vĭsus > visto* (e *veduto*). No latim, a forma básica de participio era **to*, mas, quando a raiz do verbo terminava em dental, havia um processo fônico que o transformava em **so*: cf. *ridere/risum* (< **rid-tos*) (ERNOUT, 1953, p. 226). Ainda no latim, houve um processo de generalização dessa segunda forma para verbos que não tinham dental na raiz (cf. *mergĕre/merſum*, *fallĕre/falſum*, etc.). Essa generalização é uma mudança analógica, pois toma o paradigma dos verbos de raiz em consoante e o estende para outros paradigmas. Veja-se que, neste caso, a analogia não estaria diminuindo subparadigmas, mas apenas transferindo do paradigma em *-to* para o paradigma em *-so*, apesar de aquele ser muito mais generalizado do que este. Haveria efetiva regularização se todos os verbos pertinentes (3ª conjugação latina/2ª conjugação italiana) terminados em dental tivessem adotado o morfema *-so*, o que não aconteceu: há verbos com *-so* sem dental (it. *comprimere/compresso*) e com dental sem *-so* (it. *pendere/penduto*).

O terceiro grupo (2 itens), com correspondência latina, refere-se aos relacionados originariamente a adjetivos no latim: lat. *tensum* (adj.) e it. *teso*; e lat. *extensum* (adj.) e it. *esteso*.

O quarto grupo (3 itens), sem correspondência latina, refere-se a casos de supletivismo (incorporação de participios de outros verbos): lat. *confĭtĕri/confessus sum*, mas it. *confessare* (infinitivo diferente do latino)/*confesso* (participio igual ao latino); lat. *mōri/mortus sum*, mas it. *morire/morto*; e lat. *requirĕre/requisitum*, mas it. *acquisire/acquisito*. É de se notar que neste grupo as formas infinitivas derivadas inovadoras têm como base o infinitivo que está associado ao participio que adota.

O quinto grupo (7 itens), sem correspondência latina, são derivados prefixais de formas com correspondência latina: it. *contraffatto*, *disfatto* e *rifatto* (cf. lat. *factum* e it. *fatto*); it. *riaperto* (cf. lat. *apertum*

e it. *aperto*); it. *disdetto* (cf. lat. *dictum* e it. *detto*); it. *sorpreso* (cf. lat. *presum* e it. *preso*); e it. *disinvolto* (cf. lat. *volūtum* e it. *voluto-volto*)¹⁰.

O sexto grupo (7 itens), todos com correspondência latina, se refere aos relacionados ao particípio passado arrizotônico latino da 3ª conjugação de tema em consoante com raiz terminada em *-k*: lat. *convictum* e it. *convinto*; lat. *depictum* e it. *dipinto*, lat. *expictum* e it. *spinto/spento*; lat. *fictum* e it. *finto*; lat. *victim* e it. *vinto*, lat. *refractum* e it. *rifranto*¹¹. Não há informação sobre esse grupo em Grandgent (1933), mas pode-se hipotetizar que tenha sofrido influência de outro processo: em vez de o grupo *-kt-* resultar em *-tt-* como era a regra geral (cf. lat. *fricum* e it. *fritto*), resultou em *-nt-* como era regra geral para o grupo *-nkt-* de origem (lat. *tinctum* e o it. *tinto*).

Em síntese, embora a grande maioria dos particípios rizotônicos italianos seja efetivamente herança de particípios latinos correspondentes (104/149 = 69,8%), os demais (45/149 = 30,1%) não o são. Entretanto, grande parte desses 45 itens no italiano apresenta particípio passado rizotônico originado de particípio passado rizotônico latino diferente, tendo sido modificado por processos analógicos (como generalização de *-to* e *-so*, derivação prefixal, etc.) ou adotado por supletivismo (de adjetivos e de particípios de outros verbos latinos): apenas 7 itens (os de 3ª conjugação de tema em *ū*) eram originariamente arrizotônicos. Pode-se dizer, portanto, que, no italiano, quase todas as formas rizotônicas têm origem latina, sejam as herdadas das correspondentes latinas (as que passaram apenas por mudanças fonéticas) sejam as não herdadas das correspondentes latinas (as que passaram por processo analógico ou foram tomadas de outros paradigmas ou classes).

Dos 247 itens do *corpus*, 221 tem dados referentes ao espanhol (categorias I-E-P e E-P, independentemente do tipo de correspondência com o latim). Dentre esses 221, 64 apresentam uma ou mais formas

¹⁰ A derivação desse verbo a partir do it. *involvere* coloca problemas: se derivação é simplesmente prefixação, então o particípio derivado deveria ser **desinvoluto* e não *desenvolto* (cf. it. *involvere/involuta*)... Exceto se houve uma forma rizotônica **involto* não documentada pelos gramáticos consultados.

¹¹ O verbo *rifrangere* do italiano apresenta dois particípios passados rizotônicos: *rifratto* e *rifranto*. O primeiro apresenta a forma fonética esperada para a evolução a partir do lat. *refractum*; já o segundo apresenta uma nasal inesperada, interpretada aqui como fruto de influência dos particípios rizotônicos com *-nt-*. Assinale-se, porém, que os demais casos de influência têm como vogal tônica *i* enquanto a forma em questão tem *a*.

rizotônicas (36 com apenas forma rizotônica e 28 com forma rizotônica e forma arrizotônica). Desses 64 itens, em 33 casos o particípio passado rizotônico espanhol deriva claramente do particípio passado rizotônico latino correspondente (p. ex., lat. *attentum* e esp. *atento*). Os demais 31 podem ser distribuídos em 6 grupos.

O primeiro grupo (8 itens), todos com correspondência latina, se refere aos relacionados ao particípio passado arrizotônico latino da 3ª conjugação de tema em *ū*: lat. *solūtum* e esp. *suelto*¹²; lat. *absolūtum* e esp. *absuelto*; lat. *resolūtum* e esp. *resuelto*; lat. *volūtum* e esp. *vuelto*; lat. *devolūtum* e esp. *devuelto*; lat. *involutum* e esp. *envuelto*; lat. *revolūtum* e esp. *revuelto*. Segundo Lloyd (1993, p. 500-501), a influência de alguns verbos sobre outros conduziu à criação analógica de novos particípios no latim tardio: “os particípios arrizotônicos VOLŪTUS (VOLVERE ‘dar volta’) e SOLŪTUS (< SOLVERE ‘soltar, liberar’) também foram substituídos por outros com acento no radical que deram *vuelto* e *suelto*” (tradução minha).

O segundo grupo (3 itens), todos com correspondência latina, se refere aos relacionados à generalização dos morfemas de particípios *-to*: lat. *visum* e esp. *visto*; lat. *provisum* e esp. *provisto*; e lat. *prævisum* e esp. *previsto*. Segundo Lloyd (1993, p. 500-501), a influência de alguns verbos sobre outros também seria a causa dessas substituições: “o lat. cl. VĪSUS (VIDĒRE ‘ver’) deve ter sido substituído por *VĪSTUS > *visto*” (tradução minha).

O terceiro grupo (3 itens), com correspondência latina, refere-se aos relacionados originariamente a adjetivos no latim: lat. *extensum* (adj.) e esp. *extenso* (part. pas.); lat. *manifestus* (adj.) e esp. *manifesto* (part. pas.); lat. *salvus* (adj.) e esp. *salvo* (part. pas.).

O quarto grupo (6 itens), sem correspondência latina, refere-se a casos de supletivismo: lat. *confitēri/confessus sum*, mas esp. *confesar* (infinitivo diferente do latino)/*confesso* (particípio igual ao latino); lat. *mōri/mortus sum* e esp. *morire/morto*; lat. *eximĕre/exemptum* e esp. *exentar/exento*; lat. *farĕre/fartum* e esp. *hartar/harto*; lat. *iungĕre/iunctum* e esp. *juntar/junto*; e lat. *sĕpĕlĭre/sepultum* e esp. *sepultar/sepulto*. É de se notar que, neste grupo, as formas infinitivas derivadas inovadoras geralmente têm como base o infinitivo que está associado ao particípio que adota.

¹² O particípio espanhol *suelto* vincula-se a dois verbos nessa língua (*solver* e *soltar*), sendo computado como referente a 2 itens.

O quinto grupo (10 itens), sem correspondência latina, são derivados prefixais de formas com correspondência latina: esp. *contrahecho*, *deshecho* e *rehecho* (cf. lat. *factum* e esp. *hecho*); esp. *reabierto* e *entreabierto* (cf. lat. *apertum* e esp. *abierto*); esp. *encubierto* (cf. lat. *coopertum* e esp. *cubierto*); e esp. *disdicho* (cf. lat. *dictum* e esp. *dicho*); esp. *bienquisto* e *malquisto* (cf. lat. *quæsitum*), esp. *desenvuelto* (cf. lat. *involutum* e esp. *envuelto*).

O sexto grupo (1 item), sem correspondência latina, é um caso mais complexo: o esp. *despertar/despierto* derivaria de uma suposta base (**espertar*/**espierto*) que não se verifica no espanhol, logo seria um caso de derivação prefixal no próprio latim, da forma hipotética latina *dis* + *expergĩscẽre/expergĩtum*, com conseqüente perda da base.

Em síntese, embora aproximadamente metade dos participípios rizotônicos espanhóis seja efetivamente herança de participípios latinos correspondentes (33/64 = 51,6%), os demais (31/64 = 48,4%) não o são. Entretanto, grande parte desses 31 itens no espanhol apresenta participípio passado rizotônico originado de participípio passado rizotônico latino diferente, tendo sido modificado por processos analógicos (como generalização de *-to* e *-so*, derivação prefixal, etc.) ou adotado por supletivismo (de adjetivos e de participípios de outros verbos latinos): apenas 8 itens (de 3ª conjugação de tema em *ũ*) eram originariamente arrizotônicos. Pode-se dizer, portanto, que, no espanhol, quase todas as formas rizotônicas têm origem latina, sejam as herdadas das correspondentes latinas (as que passaram apenas por mudanças fonéticas) sejam as não herdadas das correspondentes latinas (as que passaram por processo analógico ou foram tomadas de outros paradigmas ou classes).

As principais diferenças entre o italiano e o espanhol estão no fato de aquele ter generalização dos morfemas de participípios *-so* mas este não, e ainda no fato de aquele ter mudança analógica que determinou uma evolução fônica não prevista (*-kt-* > *-nt-*) mas este não.

Dos 247 itens do *corpus*, 237 têm dados referentes ao português (categorias I-E-P, I-P, E-P e P). Dentre esses 237, 210 apresentam uma ou mais formas rizotônicas (23 com apenas forma rizotônica e 187 com forma rizotônica e forma arrizotônica¹³). Desses 210 itens, em 111 casos o

¹³ Em 7 casos, há 3 formas de participípio passado: (a) com correspondência latina: lat. *captivãre/captivatum* e port. *cativar/cativado-cativo-capto*; lat. *absolvẽre/absolutum* e port. *absolver/absolvido-absoluto-absolto*; lat. *coquẽre-cõcẽre/coctum* e port. *cozer/*

particípio passado rizotônico do português deriva claramente do particípio passado rizotônico latino (p. ex., lat. *possessum* e port. *possesso*). Os demais 109 itens podem ser distribuídos em 8 grupos.

O primeiro grupo (6 itens), alguns com correspondência latina, se refere aos relacionados ao particípio passado arrizotônico latino da 3ª conjugação de tema em *ū*: lat. *solūtum* e port. *solto*; lat. *absolūtum* e port. *absolto*; lat. *volūtum* e port. *volto*¹⁴; lat. *involutum* e port. *envolto*; e lat. *revolūtum* e port. *revolto*. Diferentemente do italiano e do espanhol, o português manteve uma forma arrizotônica em alguns casos desse grupo (ao lado de outra arrizotônica): cf. lat. *solūtum* e port. *solulto-solvido*; lat. *resolūtum* e port. *resoluto-resolvido*; lat. *devolūtum* e port. *devoluto-devolvido*; lat. *dilūtum* e port. *diluto-diluído*; e lat. *instructum* e port. *instruto-instruído*.

O segundo grupo (5 itens), com correspondência latina, se refere aos relacionados à generalização dos morfemas de particípios *-to* e *-so* nas formas com correspondência no latim: lat. *visum* e port. *visto*; lat. *prævisum* e port. *previsto*; lat. *surrectum* e port. *surto*; lat. *abscōnditum* e port. *esconso*; e lat. *subtentum* e it. *subtenso*.

O terceiro grupo (30 itens), também com correspondência latina, se refere aos relacionados originariamente a adjetivos no latim: p. ex., lat. *cæcus* (adj.) e port. *cego* (part. pas.).

O quarto grupo (32 itens), sem correspondência latina, refere-se a casos de supletivismo: p. ex., lat. *confītēri/confessus sum*, mas port. *confessar* (infinitivo diferente do latino)/*confesso* (particípio igual ao latino). É de se notar que, neste grupo, as formas infinitivas derivadas inovadoras geralmente têm como base o infinitivo que está associado ao particípio que adota.

O quinto grupo (15 itens), sem correspondência latina, são derivados prefixais de formas com correspondência latina: port. *contrafeito*, *desfeito* e *refeito* (cf. lat. *factum* e port. *feito*); port. *desaberto*, *reaberto* e *entreaberto* (cf. lat. *apertum* e port. *aberto*); port. *encoberto* (cf. lat. *coopertum* e port.

cozido-cozeito-coito; lat. *acceptāre/acceptatum* e port. *aceitar/aceitado-aceito-aceite*; lat. *abscōndēre/abscōnditum* e port. *esconder/escondido-escuso-esconso*; (b) sem correspondência latina: port. *extremar/extremado-extremo-extreme*; port. *assentar/assentado-assento-assente*.

¹⁴ O particípio português *volto* vincula-se a dois verbos nessa língua (*volver* e *voltar*), sendo computado como referente a 2 itens.

coberto); e port. *desdito* (cf. lat. *dictum* e port. *dito*); port. *benquistado*¹⁵ e *malquistado*¹⁶ (cf. lat. *quæsitum* e port. *quistado*); port. *desenvolto* (cf. lat. *involūtum* e port. *envolto*); port. *surpreso* (cf. lat. *presum* e port. *preso*); e port. *desperto* (cf. lat. *expergītum* e port. *esperto*).

O sexto grupo (2 itens), com correspondência latina, apresenta substituição de uma forma rizotônica latina por arrizotônica românica (mudança analógica), cuja evolução fonética a fez novamente rizotônica: lat. *ventum* e port. *vindo* (< *vīido* < *vēido* < **uenītum*); e lat. *conventum* e port. *convindo*.

O sétimo grupo (17 itens), alguns com correspondência latina e alguns sem correspondência, refere-se às criações analógicas que certamente tomaram por modelo os casos de participípio duplos já existentes na língua: p. ex., port. *assentar/assentado-assento-assente*. Um traço distintivo do português está justamente nesse grupo: as criações analógicas de tema nominal em *e*. Williams (1991, p. 190) chama os itens dessa classe de participípios truncados.

O oitavo grupo (2 itens) é formado por casos muito idiossincráticos: lat. *coquēre-cōcēre/coctum* e port. *cozer/cozido-coito-cozeito* e lat. *excurrēre/excursum* e port. *escorrer/escorrido-escorreito*. O aspecto idiossincrático está nas formações com *-eito*. Pereira (1945, p. 159) associa a forma *escorreito* ao infinitivo *escorrer*, mas Houaiss (2001) apresenta como etimologia “lat. **excorrectus* ‘sem erro, sem defeito, correto’, ligado ao v. do lat. tar. *excorrigēre*, der. de *corrigēre*”, ou seja, com afinidade com o verbo *corrigir*. É possível que ambas as formações com *-eito* possam ter sido influenciadas por participípios terminados em *-eito*, como *feito* e derivados, *aceito*, *eleito*, *colheito*, *sujeito*, etc.

Em síntese, embora aproximadamente metade dos participípios rizotônicos portugueses seja efetivamente herança de participípios latinos correspondentes (111/210 = 52,9%), os demais (109/210 = 47,1%) não o são. Entretanto, grande parte desses 109 itens no português apresenta participípio passado rizotônico originado de participípio passado rizotônico latino, tendo sido modificado por processos analógicos (como generalização de *-to* e *-so*, derivação prefixal, etc.) ou adotado por supletivismo (de adjetivos e de participípios de outros verbos latinos). Apenas 6 itens (de 3ª conjugação de tema em *ū*) eram originariamente

¹⁵ Participípio rizotônico no português de 2 verbos: *benquerer* e *benquistar*.

¹⁶ Participípio rizotônico no português de 2 verbos: *malquerer* e *malquistar*.

arrizotônicos e 17 itens são criações analógicas independentes de derivação. Pode-se dizer, portanto, que, no português, quase todas as formas rizotônicas têm origem latina, sejam as herdadas das correspondentes latinas (as que passaram apenas por mudanças fonéticas) sejam as não herdadas das correspondentes latinas (as que passaram por processo analógico ou foram tomadas de outros paradigmas ou classes). Diferentemente do italiano e do espanhol, o português apresenta dois processos ausentes nos demais: (a) formação de particípio rizotônico por criação analógica, que Williams (1991) chamou de *truncada*, sobretudo na 1ª conjugação (cf. port. *faltar/faltado* e *falto*) e (b) formação de particípio rizotônico de tema nominal em *e* por criação analógica.

Agora é possível responder à pergunta colocada: seriam todos os particípios passados rizotônicos românicos heranças latinas, e não formações românicas? A resposta é não. Embora a maioria dos particípios passados rizotônicos românicos seja efetivamente herança dos particípios passados rizotônicos latinos com as respectivas mudanças fônicas (104/149 no italiano = 69,8%; 33/64 no espanhol = 51,6%; 111/210 no português = 52,9%), o quadro envolve grande diversidade de fontes de formas rizotônicas, como demonstrado acima.

Uma última questão é avaliar a relação entre os particípios passados rizotônicos românicos herdados do latim e o paradigma de conjugação, a fim de que se possa avaliar a segunda hipótese de trabalho do presente estudo, segundo a qual os particípios passados rizotônicos românicos da 1ª conjugação seriam predominantemente inovações românicas, uma vez que formas rizotônicas nessa conjugação eram raras no latim.

Tabela 5 – Participípios passados rizotônicos românicos por paradigma de conjugação: herdados e não-herdados¹⁷

Conjugação	Italiano		Espanhol		Português	
	Herdados	Não Herdados	Herdados	Não Herdados	Herdados	Não Herdados
1 ^a conjugação	2/6 (33,3%)	4/6 (66,6%)	–	8/8 (100%)	1/77 (1,3%)	76/77 (98,7%)
2 ^a conjugação (infinitivo arrizotônico)	–	4/4 (100%)	15/33 (45,5%)	18/33 (54,5%)	51/66 (77,3%)	15/66 (22,7%)
2 ^a conjugação (infinitivo rizotônico)	91/122 (74,6%)	31/122 (35,2%)	–	–	–	–
3 ^a conjugação	11/17 (64,7%)	6/17 (35,3%)	18/23 (78,3%)	5/23 (21,7%)	59/67 (88,1%)	8/67 (11,9%)
Total	104/149 (69,8%)	45/147 (27,2%)	33/64 (51,6%)	31/64 (48,4%)	111/210 (52,9%)	109/210 (47,1%)

Os dados da Tabela 5 confirmam a segunda hipótese, uma vez que os participípios passados rizotônicos herdados de 1^a conjugação no italiano (33,3%), no espanhol (0%) e no português (1,3%) são menos numerosos do que os não herdados (respectivamente, 66,6%, 100% e 98,7%). Como os participípios passados rizotônicos de 1^a conjugação eram raros no latim, conseqüentemente os diversos que existem nas línguas românicas são essencialmente inovações.

7 Conclusão

Na seção anterior, foi feita uma análise detalhada da questão dos participípios passados rizotônicos no italiano, no espanhol e no português. Nesta seção, apresenta-se uma síntese do que foi apurado.

¹⁷ Consideram-se aqui como herdados apenas os participípios passados rizotônicos românicos que constituem continuação histórica de participípios passados rizotônicos latinos correspondentes com suas respectivas mudanças fônicas, sem nenhum tipo de interferência analógica ou adoção por supletivismo.

Convém começar esta seção tratando das duas hipóteses de trabalho que serviram de ponto de partida para esta análise.

Segundo a primeira hipótese, os participípios passados rizotônicos no italiano estariam predominantemente na 2ª conjugação, diferentemente do espanhol e do português, pois aquela língua manteve infinitivos rizotônicos nessa conjugação: os dados da Tabela 2 confirmaram essa hipótese.

De acordo com a segunda hipótese, os participípios passados rizotônicos românicos da 1ª conjugação seriam predominantemente criações analógicas que constituem inovações românicas, uma vez que formas rizotônicas nessa conjugação eram raras no latim: os dados da Tabela 5 confirmaram essa hipótese para o italiano, o espanhol e o português.

Indo além das hipóteses, o presente estudo permitiu verificar ainda os seguintes fatos mais gerais sobre os participípios passados rizotônicos românicos.

A fonte dos participípios passados rizotônicos românicos é bastante diversificada, embora seja relevante a herança de participípios rizotônicos latinos correspondentes: cf. lat. *transcriptum*, it. *trascritto* e esp./port. *transcrito*.

Outro tipo de fonte são os adjetivos latinos que foram incorporados ao paradigma de conjugação verbal como participípios passados rizotônicos: trata-se de processo ocorrido no italiano, no espanhol e no português, raramente nos dois primeiros e menos raramente no último: cf. lat. *extentum* (participípio passado)/*extensum* (adjetivo), it. *esteso* e esp./port. *extenso*.

O supletivismo (adoção de participípio de um dado paradigma em outro) também é uma das fontes dos participípios passados rizotônicos românicos: cf. lat. *sepultāre/sepultatum* e *šěpělīre/sepultum* mas esp./port. *sepultare/sepultado-sepulto*.

Diferentes tipos de mudança analógica atuaram sobre o sistema verbal latino e/ou românico dando origem a parte dos atuais participípios passados rizotônicos românicos:

(a) Reestruturação dos participípios passados arrizotônicos latinos da 3ª conjugação de tema em *ū* como rizotônicos da 3ª conjugação de tema em consoante, com repercussão no italiano, no espanhol e no português (cf. lat. *revolūtum*, it. *rivolto*, esp. *revuelto* e port. *revolto*): esse processo propiciou uma simplificação do paradigma da 3ª conjugação.

(b) Reestruturação na evolução fônica dos participípios passados rizotônicos latinos com grupo consonantal interno *-kt-* (com resultado esperado *-tt-*) tendo como modelo os com o grupo *-nkt-* (com resultado esperado *-nt-*), fato restrito ao italiano: cf. lat. *friictum* e it. *fritto*; lat. *tinctum* e o it. *tinto*; lat. *depictum* e it. *dipinto*.

(c) Generalização dos morfemas de particípio passado *-to* e *-so* (já existentes no latim como *-tus* e *-sus*). A generalização do morfema *-to* aparece no italiano, no espanhol e no português (cf. lat. *visum* e it./esp./port. *visto*), enquanto a de *-so* ocorre apenas no italiano (cf. lat. *perditum* e it. *perso*). A generalização de *-to* é bastante rara no espanhol e no português, mas mais comum no italiano.

Há também diferentes tipos de criação analógica que atuaram sobre o sistema verbal latino e/ou românico dando origem a outra parte dos atuais particípios passados rizotônicos românicos:

(a) Formação de derivados de verbos que já apresentam particípio passado rizotônico: cf. it. *contraffatto*, esp. *contrahecho* e port. *contrafeito* (lat. *factum*, it. *fatto*, esp. *hecho* e port. *feito*).

(b) Formação de particípios por analogia com par particípio passado arrizotônico-rizotônico (de tema em *o*) apenas no português: cf. lat. *pacatum* e port. *pagado/pago*.

(c) Formação de particípios por analogia com par particípio passado-adjetivo (de tema em *e*) apenas no português: cf. lat. *liberatum* (particípio passado)/*liber* (adjetivo) e port. *livrado* (particípio passado arrizotônico)/*livre* (particípio passado rizotônico/adjetivo) frente ao lat. *integratum* e ao port. *entregado* (particípio passado arrizotônico)/*entregue* (particípio passado rizotônico analógico).

Referências

AINCIBURU, M. C. *et al.* *Vía rápida: curso intensivo de español*. Barcelona: Difusión, 2011.

BAILINI, S.; CONSONNO, S. *I verbi italiani*. Firenze: Alma Edizioni, 2004.

BALLESTEROS, P. D.; SORDO, M. L. R. *Las formas verbales*. Madrid: Edinumen, 2005.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev., ampl., atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIRELLO, M.; VILAGRASA, A. *Bravissimo! : curso d'italiano*. Barcellona: Difusión; Firenze: Bulgarini, 2012. v. 1.

BYNON, T. *Historical Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

CHIUCHIÙ, A.; CHIUCHIÙ, G. *Grammatica e comunicazione: tavole sinottiche dell'italiano LS e L2*. Perugia: Guerra Edizioni, 2012.

CHIUCHIÙ, A.; FAZI, M. C.; BAGIANTI, M. R. *I verbi italiani: regolari e irregolari*. 2. ed. Perugia: Guerra Edizioni, 2007.

CONFORTI, C.; CUSIMANO, L. *Nuovo linea diretta*. Perugia: Guerra Edizioni, 2005. v. 1a.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2010.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

DIACO, M.; KRAFT, L. *A arte de conjugar verbos: verbos italianos*. Tradução de Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ERNOUT, A. *Morphologie historique du latin*. 3. éd. rev. corr. Paris: C. Klincksieck, 1953.

FARIA, E. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958. (Biblioteca Brasileira de Filologia, 14)

GRANDGENT, C. H. *From Latin to Italian: An Historical Outline of the Phonology and Morphology of the Italian Language*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1933.

GRANDGENT, C. H. *Introducción al latín vulgar*. 2. ed. Madrid: CSIC-Revista de Filología Española, 1952.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 1 CD-ROM.

LLOYD, P. M. *Del latín al español*. Madrid: Gredos, 1993.

LOBATO, L. *Sobre a forma do particípio do português e o estatuto dos traços formais*. São Paulo: DELTA, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 8 jul. 2015.

MARIN, T.; MAGNELLI, S. *Nuovo progetto italiano*. Milano: Edizioni Edilingua, 2010. v. 1.

MARTINS, M. D.; PACHECO, M. C. G. *Temas de gramática contemporánea de la lengua española*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

MORENO, C. *et al.* *En gramática*. Madrid: Anaya, 2007.

NOCCHI, Susanna. *Grammatica pratica della lingua italiana*. Firenze: Alma Edizioni, 2011.

PECCIANI, M. C. *Parola per parola*. Firenze: Giunti Editoriale, 1993. v. 1.

PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva: curso superior*. 65. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RAYA, R. A. *et al.* *Gramática básica del estudiante de español*. Barcelona: Difusión, 2005.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Gramática de la lengua española*. Madrid: Librería y Casa Editorial Hernano, 1928.

REIS, O. *Breviário da conjugação de verbos*. 38. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

TORREGO, L. G. *Gramática didáctica del español*. 10. ed. Madrid: Ediciones SM, 2011.

TRIFONE, P.; PALERMO, M. *Grammatica italiana di base*. Bologna: Zanichelli Editore, 2014.

WILLIAMS, E. B. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

Recebido em: 10 de abril de 2018.

Aprovado em: 30 de maio de 2018.